

LER E ESCREVER NA EDUCAÇÃO INFANTIL: QUAIS AS PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS QUE PODEM INTEGRAR DESDE CEDO ESSE PROCESSO?

Osiolany da Silva Cavalcanti¹
Mary Delane Gomes de Santana²

RESUMO

Atualmente percebe-se que a cobrança pelo domínio da leitura e da escrita, principalmente pela maioria dos pais, tem levado as crianças a desenvolverem essas técnicas cada vez mais cedo, seja pela pressão que os pais exercem na escola seja em casa pelos próprios pais. Cabe a escola, principalmente aquelas que trabalham com a educação infantil, estarem preparadas para este desafio, isto é, ensinar as crianças a ler, escrever e interpretar. O objetivo geral deste trabalho é verificar de que forma esse processo de aprendizagem, tão essencial para se viver em sociedade e dar continuidade a vida escolar, pode ser realizado sem pressão, auxiliando assim as crianças a adquiri-lo de forma prazerosa e no tempo certo. Para realizamos esta pesquisa, utilizamos além da pesquisa bibliográfica, da descritiva, exploratória, explicativa e de campo, fizemos uso também de um estudo de caso, que ocorreu numa creche situada na cidade de Campina Grande – PB. A partir dos relatos de experiências das professoras e da observação do desenvolvimento das crianças em sala de aula procuramos verificar como o processo de aprendizagem da leitura e escrita ocorria, se as crianças eram coagidas e pressionadas e ou se eram respeitados o desenvolvimento cognitivo delas. Percebemos que as professoras possuem uma didática que respeita o processo de construção do conhecimento das crianças, demonstrando respeito ao desenvolvimento, cognitivo e linguístico delas, as práticas das professoras com as habilidades dos aprendentes facilitam o processo de ensino/aprendizagem e, por conseguinte, proporcionam as crianças o domínio da leitura e da escrita.

Palavras-chave: Educação Infantil, Leitura e escrita, Processo de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Para Silva (2009) a prática da leitura tem suas raízes com os homens das cavernas, que deixaram seus desenhos para serem lidos e interpretados por um “leitor”, isto é, por alguém que por ventura os descobrissem, mas também para eles mesmos poderem registrar sua história e seu cotidiano deixando para os da sua tribo a experiência de suas caçadas, dos perigos que enfrentavam e ou das batalhas e vitórias. Os sumérios começaram a criar símbolos gráficos para cada som gerado, e conseqüentemente, a fonografia, os pictogramas,

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, osiolanyalves@gmail.com;

² Bacharel em Ciências Sociais. Licenciada em Pedagogia. Mestre em Sociologia. Professora Substituta do IFPB – Campus – Picuí – PB. Professora substituta da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus – Campina Grande. E-mail: mdgs.uepb@gmail.com.

os hieróglifos, a escrita silábica ou logossilábica e a escrita alfabética. Posteriormente, gregos e romanos começaram a escrever suas leis em seus papiros, com o pensamento de preservar e passar seus conhecimentos sem ser esquecidos encaminhados para as próximas gerações.

Nesse aspecto histórico, processos foram criados para se difundir esse conhecimento escrito, de modo a se refletir sobre a forma como essa capacidade de aprender a codificar e decodificar poderia ser ensinado. Mesmo com muitos anos de ensino, ainda se procura uma melhor prática para auxiliar nesse processo de ensino – aprendizagem.

Fullgraf (2014, p. 67), cita que:

Os aportes que subsidiam ainda hoje a sistematização de processos de leitura e de escrita para as crianças na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental numa perspectiva tradicional mostra que, os desafios inseridos nesse processo, limitavam-se ao simples domínio da relação entre letra e som – grafia e fonema.

Assim de uma forma mecanizada ensinava as crianças o processo de ler e escrever, codificar e decodificar as palavras contidas em sua língua vernácula. Para desenvolver esta língua, a criança precisa ter a maturação de sua capacidade cognitiva de assimilar o que se está a aprender, ter consciência do que está aprendendo é essencial para ter sucesso com essa imersão em uma língua. Desta forma, trago uma ideia de Bakhtin (1981, p. 108), que descreve:

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. Os sujeitos não adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.

Esta penetração de uma língua em suas vivências precisa ser de forma lúdica, com proposta que se trabalhe com textos, não de forma isolada das sílabas, pois a criança estaria apenas aprendendo a relacionar sons com letras, deixando de aprender a atitude que existe no leitor a interpretação e compreensão do que é lido e produzido por ele.

Para a criança, ler e escrever são processos complexos, se tratando de uma ferramenta cultural, que constitui a representação de signos e quando escrevemos também representamos os sons que esses signos têm em sua estrutura, nos quais muitas vezes pelas raízes das grafias diferencia-se entre si, tornando o processo mais confuso.

Com intuito de ajudar nesse processo Fullgraf (2014, p. 71), nos direciona a tal estratégia:

Neste processo, usamos inicialmente a escrita em sua função social e, posteriormente, apresentamos seu aspecto técnico. Assim sendo, inserimos a criança no mundo letrado pela convivência inicial com textos lidos e escritos pelo professor e a professora, pelo manuseio de livros e gibis, pelo envolvimento da criança em situações de leitura e escrita, procurando levá-la a compreender para que, de fato,

serve a leitura e a escrita. A partir dessa compreensão é que vamos instruir a criança em relação aos procedimentos que a levam a como se faz para escrever.

Desta forma a criança começa a entender o mundo da leitura e escrita, trazendo-o para si, de forma satisfatória e integrada com sua realidade. Pode-se trabalhar com cartazes e um passeio pela escola, mostrando as placas e o que se está escrito, a exemplo dos banheiros, secretaria, coordenação, dentre outros espaços, contextualizando a realidade vivida pelas crianças, facilitando a compreensão que elas estão vivenciando, desta nova realidade apresentada aos infantes.

Frente ao exposto pode-se afirmar que apesar de não ser um tema novo e pouco estudado, ainda é preciso compreender como as crianças aprendem a linguagem escrita, como se tornam leitoras e produtoras de texto? Como se dá esse processo? É preciso pensar numa forma adequada de se iniciar esse processo já na educação infantil. Por isso é necessário verificar a construção da leitura e da escrita, bem como a discussão das práticas docentes nesse fazer pedagógico, pois o professor é aquele que tem a função de explorar o ensino da Linguagem Oral e Escrita dos seus alunos, independentemente de que série ele se encontre, na educação infantil esse trabalho é mais árduo, pois é ele que vai levar os seus alunos a descoberta e a construção de um conhecimento inerente à infância e que não pode ser ignorado.

Assim sendo, as contribuições da pré-escola ao desenvolvimento da alfabetização e do letramento de seus alunos são indiscutíveis, por conseguinte a atuação do educador infantil de modo a contribuir para a formação da criança, no sentido da construção do processo da leitura e escrita na formação de sua autonomia, para auxiliá-la a fazer uso competente dessas habilidades.

Para que a aprendizagem da leitura e da escrita obtenha êxito é preciso reconhecer que a realidade de todos os alunos não é igual, tanto em suas capacidades, quanto em suas motivações, modo de aprendizagem e condições ambientais. Compreendendo que todas as dificuldades, são em si mesmas contextuais e relativas, o professor passa a valorizar o processo de interação ensino-aprendizagem, pois se apercebe que este processo é complexo e encontra-se inserido em diversas variáveis. E é isto que este trabalho pretende investigar até que ponto aprendizagem do aluno depende apenas dele, e até que ponto o grau que a ajuda do professor proporciona a ele é que o auxilia a desenvolver-se significativamente.

METODOLOGIA

Considerando características do fenômeno de estudo, bem como as necessidades de coletar informações em seus diversos ângulos, esta pesquisa classifica-se como de campo, pois busca na concepção de Rodrigues (2007, p. 63), “Investigar soluções para problemas concretos, situados em uma realidade empírica a partir da qual a pesquisa é centrada”.

Trata-se aqui também de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida para proporcionar uma visão geral e de forma aprofundada acerca do assunto abordado. A pesquisa inclui ainda a fundamentação teórica, na qual se fez estudo em Fullgraf e Wiggers, em observações descritas na Constituição Federal, na Lei de Bases e Diretrizes da Educação Nacional entre outras obras teóricas para fundamentar o trabalho.

Segundo Andrade (2010), a pesquisa bibliográfica tanto pode ser um trabalho independente como se constitui no passo inicial em outra pesquisa. Já a pesquisa de campo é assim denominada porque a coleta de dados é efetuada em campo, onde ocorrem espontaneamente os fenômenos, uma vez que não tem interferência do pesquisador sobre eles.

A pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa que segundo Richardson (2007), é uma tentativa de compreender as características situacionais e particulares de um determinado fenômeno de estudo. Nesse aspecto, esta abordagem diferencia-se do quantitativo por não priorizar instrumentos estatísticos com base para o levantamento de informações e para interpretação de suas circunstâncias.

A abordagem qualitativa caracteriza-se pela compreensão profunda ou detalhada da natureza do fenômeno de estudo. Ao invés de tomar como medida as aparências ou as superficialidades das coisas preocupam-se em entender as camadas que cobrem a essência das coisas do mundo.

O método utilizado foi o dedutivo, que segundo Andrade (2010), a dedução é o caminho das consequências, pois uma cadeia de raciocínio em conexão descendente, isto é, do geral para o particular, leva a conclusão. Segundo esse método, partindo-se de teorias e leis gerais, pode-se chegar à determinação ou previsão de fenômenos particulares.

A coleta de dados foi feita a partir da observação da atuação de professoras da educação infantil do Pré II dos turnos manhã e tarde, em uma creche, situada na cidade de Campina Grande – PB. Fora aplicados também um pequeno questionário com perguntas abertas para as professoras. Tudo isso para se verificar a relação que existe entre a interação das crianças em sala de aula com a prática das professoras e o processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

A RELAÇÃO ENTRE ALFABETIZAR E LETRAR

Segundo Magda Soares, 2010 “Alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever”. Já para Albuquerque, 2007 “A alfabetização é considerada como o ensino das habilidades de ‘codificação’ e ‘decodificação’”. Todavia, quando falamos de aprender a codificar e a decodificar as palavras, não falamos sobre obter copistas, mas sim do sujeito ter a capacidade de interpretar o que leu e escreveu. Para isto damos o nome de Letramento que para Magda Soares: “Letramento é o resultado da ação de ‘letrar-se’, se dermos ao verbo “letrar-se” o sentido de tornar-se’ letrado”.

Deste modo, pressupõe que quem aprende a ler e escrever passa a se utilizar desta ferramenta chamada letramento, assim:

O envolvimento com estas práticas de leitura e escrita torna-se uma pessoa diferente, adquire outro estado, outra condição. É mais que mudar de lugar social, seu modo de viver em sociedade, sua cultura, sua relação com o outro, com o contexto, com os bens culturais. Torna-se diferente. (SOARES, 2010, p. 37).

Considerando os estudos de Magda Soares (1998), o termo letramento é a versão para o português da palavra *Literacy*, que significa o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Deste modo, a relação entre alfabetizar e letrar está intrinsecamente relacionada assim como cita Soares:

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 1998, p. 47).

Sendo assim, a arte de ensinar é complexa e cabe ao professor auxiliar suas crianças na leitura e na escrita de acordo com a sua realidade, buscando a junção da prática pedagógica com a vivência de seus alunos, na sociedade a qual estes (as) estão inseridos. Assim como o pensamento de Paulo Freire: “A leitura do mundo, precede a leitura da palavra”.

LER E ESCREVER NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Shigunov Neto e Maciel na revista Educar de 2008 revela seu estudo sobre o ensino Jesuíta no Brasil:

O plano de estudos organizado pelo padre Manuel da Nóbrega consistia em duas fases: na primeira fase, considerada como do ensinamento dos estudos elementares, era constituída pelo aprendizado de português, do ensinamento da doutrina cristã e da alfabetização. Para a segunda fase do processo de aprendizagem idealizado por Manuel da Nóbrega, o aluno teria a opção para escolher entre o ensino profissionalizante e o ensino médio, segundo suas aptidões e dotes intelectuais

revelados durante o ensino elementar. Como prêmio para os alunos que de destacassem nos estudos da gramática latina, previa-se o envio em viagem de estudos aos grandes colégios de Coimbra ou da Espanha. (SHIGUNOV NETO, MACIEL, 2008, p. 176).

Deste ensinamento nas primeiras escolas do Brasil que se davam pelos jesuítas nas igrejas, para que os índios pudessem ser “alfabetizados” tinha-se uma forma de ensino aprendizagem, onde se mostrava a letra isolada, em seguida a formação silábica, a palavra e em seguida uma frase, pois se acreditava que deste modo facilitava a compreensão da criança. Nesta perspectiva poderia melhorar a informação de letra e o seu som, a grafia e o fonema. Com essa situação a criança aos poucos iria interligar as letras e chegar ao ponto de formar as palavras, assim o passo para a formação de frases se consideravam o próximo degrau para a aprendizagem.

Mas com o passar do tempo, esta forma de alfabetizar tornou-se dificultosa, deixando marcas de repudia ao estudo, por se tratar de uma forma complexa de ensino.

Segundo Fullgraf e Wiggers (2014, p. 68) ela afirma que este aspecto não correspondia à vontade da criança a compreender a leitura e escrita para se utilizarem futuramente. De fato, não há entusiasmo ao tentar “decorar” as letras e palavras, e conseqüentemente a vontade de se querer ler e escrever torna-se escassa. Nessa perspectiva de acordo com a UNESCO (2005) somente 14% da população tem o hábito de ler, portanto, pode-se afirmar que a sociedade brasileira não é leitora. Nesta concepção, cabe à escola desenvolver na criança o hábito de ler por prazer, não por obrigação. E considerando este método acima citado, dificilmente as crianças gostarão ou desenvolverão gosto pela leitura e escrita.

Segundo a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 206 e no artigo primeiro, em seus princípios fundamentais o direito de cidadania, o pluralismo de ideias e por essa ótica devemos contextualizar para as crianças textos que contenham pensamentos e informações para além da gramática em que nossa língua apresenta. Não apenas o ensino da leitura e da escrita para a codificação e decodificação, mas para a interpretação que colocamos o letramento como auxílio para esse domínio de leitura e escrita.

Faz-se necessário interligar os assuntos cotidianos, históricos e culturais nos textos abordados em sala para que esses alunos compreendam de melhor forma o meio que a cerca, e as possibilidades nas quais elas podem propiciar-se ou não, a exemplo de revistas em quadrinhos, outdoor que estão nas esquinas das ruas, embalagens de produtos como biscoitos, salgadinhos balinhas, dentre outros, que ajudam na alfabetização e tem um contexto de

letramento das vivências que essas crianças presenciam todos os dias. Desse modo o incentivo a leituras e gosto por aprender será facilitado tanto para a professora dada como mediadora na situação, como para as próprias crianças que com entusiasmos tornam-se protagonista das atividades solicitadas.

Como já citado, a na forma da lei um tempo estimado para que as crianças possam começar o processo de leitura e escrita. Segundo a Lei de Bases e Diretrizes da Educação, homologada no ano de 1996, é a partir dos seis anos de idade que a criança começa a ser alfabetizada, ou melhor, na seção III que fala do ensino fundamental, em seu Art. 32, I diz: “o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita”.

De modo que esta leitura possa ser relacionada com a vivência destas crianças, ler e escrever na Educação Infantil, não pode ser uma forma de pressão, pois estas crianças começam a compreender sua linguagem vernácula e condireira-se que a criança adquire com a linguagem a possibilidade de ter acesso e descobrir ricas fontes de realidades existentes em sua vivência interna, externa e superiores a ela. MORA (2011) diz que verbalizar a relação consigo mesma ajudará a consolidar e ampliar seus limites relacionais, no que ocasiona em uma boa interação com a sociedade e com ela própria. Com esta compreensão, devemos atentar para que o domínio da leitura e da escrita, realmente seja a ampliação destes limites relacionais, utilizando a leitura como um novo horizonte e a escrita como meio de interação entre si, (através de seus primeiros diários), e entre os outros, com seus (primeiros bilhetes e recadinhos) para os familiares, colegas e a sociedade no todo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As crianças desta creche, situada em um bairro de Campina Grande – PB são muito expressivas e comunicativas, as salas onde estudam são coloridas e possuem bastante desenhos. As cadeiras estão dispostas no formato de U possibilitando assim uma comunicação interativa com todos os presentes. Os alunos têm liberdade de falar sobre seu cotidiano com a professora e entre eles. Enquanto algumas crianças conversam com a professora sobre os acontecimentos do dia anterior, as outras ficam escutando em silêncio, até que chegue sua vez de expressar suas opiniões tanto referente ao acontecido dos colegas quanto ao seu próprio.

Verificamos que foi trabalhado com os alunos para o desenvolvimento da leitura e da escrita obras de literatura infantil, a exemplo dos livros: “O mais bonito”, de Mary França e Eliardo França e “O Coco”, de Inaldete Pinheiro de Andrade, além de outras leituras que a

educadora consegue interdisciplinar os conteúdos e neste sentido utilizar-se de métodos que as crianças conseguem compreender e decodificar as palavras expostas no dia através do texto lido. Para além da leitura se observa que as crianças em todo momento interagem com a professora, fazendo inferências por elas descobertas nas entrelinhas do livro, demonstrando a importância da leitura vivenciada em seus meios sociais, seja eles família, parque, igreja dentre outros.

Ao contar em forma de conto literário a história da relação entre o Brasil e o continente africano, sua relação com a escravidão e exploração, (no tempo paralelo a contação), introduzia novas palavras para o vocabulário das crianças, tais como: negreiro, navio, Brasil, África, escravos dentre outras. Tendo por base as formações silábicas já estudadas em sala de aula. Em algumas partes da fala da educadora, eles próprios repetiam as frases e relacionavam com outra palavra conhecida, a exemplo de navio, quando professora citou a palavra e desenhou a figura no quadro algumas crianças diziam: “isto é um barco professora!”. Esta por sua vez explicava a noção de tamanho, maior e menor, e eles sempre atentos às explicações dadas.

Neste contexto nos afirma Araújo (2010, p. 147):

Os conteúdos são apresentados para a criança por meio de situações contextualizadas, nas quais ela possa apropriar-se da experiência social contida no conceito, essa é a atividade orientadora de ensino.

Além de conhecer as palavras, as crianças já identificam o nome dos acentos gráficos, como “o circunflexo que eles consideram um chapeuzinho e o acento agudo que eles chamam de tracinho” e fazem a contagem das letras. A professora enumera cada palavra na lousa, sendo assim, automaticamente trabalhada a matemática, de mesmo modo o faz com a data, ela ensina as crianças que na nossa formação como país e como povo e por conseguinte na educação, nós recebemos as contribuições dos africanos, assim temos a contribuição desse povo que foi escravizado pelos portugueses na: comidas, vestimentas, danças, músicas, maneira de falar, nos cuidados com o corpo, entre outras contribuições.

Ao trabalhar com a questão que envolve a cultura africana e os povos de origem africana, são trabalhadas também as questões do racismo, do respeito pelo próximo e, por conseguinte da elevação da autoestima das crianças negras que estudam no local. Assim, ao usar o livro “O mais bonito” que discute qual o desenho que ficou mais bonito, as questões pessoais onde todos são bonitos e eram assim por serem diferentes são trabalhadas de forma lúdica pela criança ensinando-as desde cedo a valorizar-se e a respeitar a diferença.

Refletindo sobre a espontaneidade para que as crianças possam da melhor forma possível aprender a ler e escrever, busca-se retratar a importância que as práticas cotidianas na educação infantil usem a escrita em situações em que a leitura e a escrita são de fato necessárias, a começar com as expressões nos desenhos feitos, como relatado este do livro “o mais Bonito” e mini textos, como “eu te amo”, para que aos poucos a criança tome posse desta tecnologia. Instigar as crianças com leituras de deleite auxilia a vontade e curiosidade de explorar outras leituras, tornando essa prática constante.

Levando-se em consideração a interação da professora com as crianças em sala de aula, observa-se a utilização do bingo de letras; textos e palavras fatiadas, para que as crianças compreendam esse processo de ensino aprendizagem. Como exemplo, utilizam de figuras com frutas, em fichinhas que vem contida no bingo e em outro papel, os nomes destas frutas em extenso. Acima das mesinhas das crianças, vão identificando e montando essas combinações. Ao fazer essa montagem elas recordam o começo da formação das letras e este começo provocadamente pela professora, também são as iniciais dos nomes de algumas crianças da sala. Aos que não conseguem montar, os outros ajudam a fazer, tendo interação de todos na atividade.

Outro dia de observação, a professora trabalhou com a brincadeira do “Bidu”, nessa brincadeira ela consegue desenvolver as noções de espaço e lateralidade, aprender o que é acima e abaixo, esquerdo e direito ajuda na hora da escrita, onde devemos entender que começa de cima para baixo e da esquerda para a direita, exatamente como na brincadeira.

Ao perguntar-lhe sobre o desenvolvimento da sua turma ela responde:

“estou muito feliz com o resultado obtido, é muito gratificante perceber que eles já começam a ler e a interpretar o que escrevem. Alguns vieram sem saber escrever nada e consegui ensinar as letras em bastão e em seguida, introduzir a letra cursiva que faz com um pouco de dificuldade, mas é legível”. (Professora C)

No final da observação em sala de aula, solicitei à professora que as crianças presentes (11 crianças) escrevessem para mim, em papéis pautados e recortados as palavras boneca e bola consecutivamente. Em todo o processo observei-as de perto e percebi que algumas conseguiram identificar apenas as vogais, (o, e, a) outras os fonemas, (que no caso do fonema) Ca, escreveu (ka) algumas conseguiram formar as sílabas ne, Ca, bo e la, mas algumas confundiram a sílaba ca com a consoante K, (fazendo a junção da vogal com a consoante que foneticamente satisfaz o ouvido), todavia houve crianças a exemplo de Esther que conseguiu fazer as duas palavras com segurança e agilidade, sem questionar.

Nesse sentido, percebemos que, mesmo com esta idade as crianças já começam a descobrir a leitura e a escrita, por ser um processo complexo e que demanda tempo e paciência, é perceptível o desenvolvimento destes pequenos em associar a parte fonética (para alguns), com a percepção dos sons e grafando de forma entendida dos sons. Outros já com o domínio do que está ouvindo e conhecendo na forma ortográfica que nossa língua fundamenta, conseguindo escrever no papel o que se pede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças têm o direito de viver por completo, correr, pular, jogar bola, dançar, desenvolver-se com a psicomotricidade. O professor neste momento de ensino-aprendizagem deve ser o auxiliador a construir o conhecimento, o que mostrará o caminho e dará possibilidades para o avanço de suas crianças e nessa ótica doar-se ao máximo para que esse processo de crescimento seja o mais natural e equilibrado possível. Todavia, tendo em mente que este processo não se dá apenas partindo dos docentes, como já citado o corpo escolar, os familiares e a sociedade em si, são responsáveis diretos e indiretamente deste processo de aquisição da língua vernácula da criança.

Entende-se que para as crianças emergirem no processo de leitura e escrita é complexo, todavia com a metodologia adequada e a formação profissional capacitada, as crianças passarão por esse processo de forma satisfatória e prazerosa, tendo na nova geração de leitores por excelência, onde a alfabetização funcional seja apenas dados tabulados e deixados para conhecimento da história do povo brasileiro, nos quais se tornarão seres críticos para desenvolver melhor sociedade nas quais vivem.

Contudo lembrando sempre da subjetividade de cada um e que por mínimo desenvolvimento observado na criança, para esta dar-se-á como avanço. Como citado na observação neste estudo, ouve crianças que começa a identificar as vogais, outras os fonemas, destarte aquelas que conseguem ler e escrever e compreender o que está escrito, na forma de pequenos textos, em letras de canções ou poemas trazidos para a sala de aula. O primordial é respeitar este tempo de amadurecimento em cada criança e a interação entre elas assim, como na sala desta professora observada, as crianças auxiliando umas as outras, esta desenvoltura torna-se positiva e eleva o grau de compreensão de leitura e escrita para os alunos desta sala.

Conclui-se que para uma turma de pré II, a professora conseguiu ultrapassar as leis estabelecidas para o ensino e aprendizagem, no sentido da leitura e da escrita que na Lei de Bases e Diretrizes cita a leitura a partir do primeiro ano do ensino fundamental. Com relação

ao avanço do ensino-aprendizagem, algumas crianças conseguem desenvolver mais do que outras nos lembrando de que cada criança tem sua subjetividade e tempo de maturação.

Deste modo, faz-se necessário respeitar estas crianças que estão começando a entender e compreender um instrumento cultural tão complexo que é a escrita. Assim como este exemplo de professoras, devemos incutir os pais de que esse processo de ler e escrever devem ser naturais e prazerosos, na medida em que a criança desenvolve seu cognitivo e junto a interação com seus colegas, adquirem este novo conhecimento, sem pressão advindas dos pais, de professores ou da sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 10 ed. São Paulo: Atlas. 2010.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação-Lei no 9.394/96. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília-DF: MEC/SEF, 1996.

FULLGRAF, Jodete; WIGGERS, Verena. A imersão das crianças na leitura e na escrita. In: _____. **Projetos e práticas pedagógicas**: na creche e na pré-escola. Brasília: Liber Livro, 2014. p. 35-55. (Coleção Formar).

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **Educar**. n 31. Curitiba: Editora UFPR.2008. p. 169-189.

MORA, Estela. **Psicopedagogia infanto-adolescente**. A infância. Do segundo até o oitavo ano de vida. 2. ed. Grupo Cultural, 2011.

RAMOS, Sandra Lima de Vasconcelos. **Jogos e brinquedos na escola**: orientação Psicopedagógica. ed. Respel, 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2007.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa acadêmica**: como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, Carmi Ferraz. MENDONÇA, Marcia. **Alfabetização e letramento**: conceitos e relações. BRASIL, MEC/CEEL: Autêntica, 2007.

SILVA, Rosa Amélia Pereira da. **Ler literatura**: o exercício do prazer. Universidade de Brasília. Programa de Pós Graduação em leituras e práticas sociais. Brasília, 2009. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7876/1/2009_RosaAmeliaPereiradaSilva.pdf

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

UNESCO, Relatório de monitoramento global de EPT 2005: educação para todos: o imperativo da qualidade / UNESCO; [tradução B&C Revisão de Textos S/C Ltda.]. São Paulo: Moderna, 2005.